

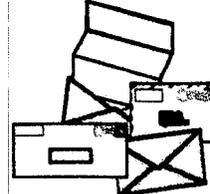


DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Escrevem os leitores



"Gostei do exemplar com um castelo na capa que ganhei de uma amiga. Peço-lhes outros exemplares. Sempre que puder depositarei alguma quantia. A revista é muito linda e interessante. Este exemplar que tenho é de Jan/Fev 1999. Ficarei feliz se receber os outros meses: Mar, Abr até Out/99. Gostaria de receber sempre."

MARIA CELINA MESQUITA DO NASCIMENTO
SÃO PAULO - SP

*"Caríssimos Editores e redatores da bela revista "O Desbravador",
Imensamente edificado pelas ricas páginas de artigos tão urgentes para o povo Católico, que se nos chegam através deste veículo divino que é vossa digna revista. Tenho a máxima honra e felicidade de parabenizá-los pela grande luz proporcionada à Sta. Igreja, nestes tempos de densas trevas. Que a Santíssima Virgem de Guadalupe consiga de seu divino Filho as mais desejadas graças, para que possais intrépidos continuar neste sublime intento de levar as almas a Cristo Rei e à Santa Igreja.*

Sou nordestino e bem conheço a necessidade daquele povo e da Boa Imprensa Católica, e é nesse sentido que pediria à vossa caridade, enviarem vossa venerável revista para minha mãe que é muito católica e para o meu tio que é ministro da Ordem Franciscana Secular (Terceira) e vereador em sua cidade."

IR. THARCÍSIO L. DE SOUZA
NOVA FRIBURGO - RJ

"...Desde o início apreciei muito esta publicação, não somente pelo conteúdo, sempre forjado no mais autêntico espírito Católico, mas também pela maneira como começou este apostolado de boa imprensa e pelo modo como vai continuando. Não obstante meu apreço, contentei-me em receber alguns números dispersos, ... e depois passei a ficar com alguns dos números que chegaram ao Seminário endereçados a seminaristas que aqui já não se encontram

Antecip. mente agradecido, envio com esta carta as minhas orações e o desejo de que o Bom Deus Nosso Senhor continue a abençoar a obra do Desbravador, fortificando, sustentando e dando graças de perseverança a todos os que a ela se dedicam."

RAPHAEL GOMES PAES LEME LÔBO
ANÁPOLIS - GO

*"Espero que tudo esteja bem com o senhor e todos do Grêmio Santa Maria. Escrevo esta para comunicar meu novo endereço:...
Que a Paz do Senhor e o Amor de Maria estejam com todos vocês."*

JOSÉ ANTONIO FONSECA
SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP

"Vi em casa de um amigo vossa publicação e muito me agradaria se me fizessem a caridade de enviá-la regularmente para que também possa desfrutar desse saudável dom da doutrina católica que transmitis por seu intermédio."

REINAJ DO F. MOTA JR.
AMPARO - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO SANTA MARIA

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - ODESBRAVADOR@uol.com.br

Editorial

De longa data a humanidade tem comemorado o Natal de modo desvirtuado. Os sublimes natais de outrora passaram sorrateiramente por uma metamorfose.

Daquela festa religiosa em que as pessoas se confessavam, comungavam, assistiam à Missa da meia-noite, rezavam diante do presépio e por fim desfrutavam de lenta e abençoada ceia, tudo isto sob terna e indescritível unção celestial, com graças especiais que são comuns a este dia verdadeiramente feliz em que Deus Nosso Senhor nasceu em uma gruta de Belém; passou-se para uma festa de presentes, depois para uma data meramente comercial e, hoje, a maioria vê o Natal como apenas mais um feriado, que de especial tem apenas a comilança e a bebedeira.

É um reflexo do estilo atual de vida, é uma amostra da civilização deste fim do século XX.

Mas, é Natal e como diz São Leão Magno em um de seus maviolosos sermões, "não pode haver tristeza quando nasce a vida".

Sim, apesar dos homens maus, apesar das vidas ruins, apesar de nossos pecados, Nosso Senhor quis nascer para nos ensinar, quis viver para nosso bem e quis morrer para nossa salvação.

Se é grande a nossa miséria, a misericórdia de Deus é maior. Se muitas vezes teimamos em cair, Nosso Senhor insiste em nos levantar.

Urge pois que correspondamos a esta graça de conversão e o façamos de maneira definitiva, deixando o pecado, tornando-nos verdadeiros católicos, nos reconciliando com Deus através de uma boa confissão a um padre.

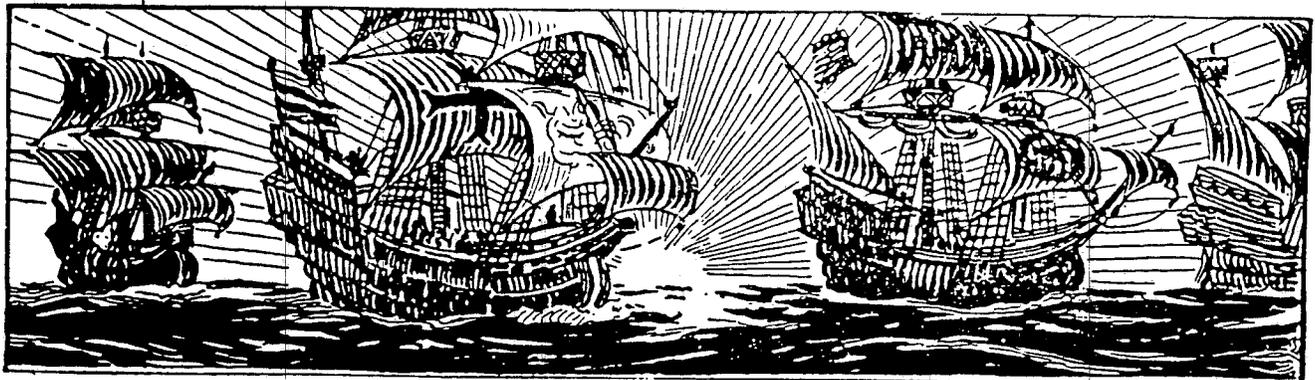
Para a alma na graça de Deus não pode haver tristeza e as alegrias do Natal estão sempre presentes; mesmo nas dificuldades, mesmo nos tormentos, mesmo na cruz.

Vivamos santamente. Façamos de nossa vida um constante Natal, aproveitemos a ocasião para começar uma vida santa, uma vida que haja sempre a graça de Deus e um permanente clima de Natal.

Que Nossa Senhora nos alcance junto ao presépio esta sublime graça: de fazer de nós, pobres pecadores, verdadeiros adoradores do Menino Deus.

Imprimimos
com

RIPAX
Premium
Quality
Paper
Laser 75



“NÃO SABEIS QUE A AMIZADE DESTE MUNDO É INIMIGA DE DEUS?”

(S. Tiago IV, 4)

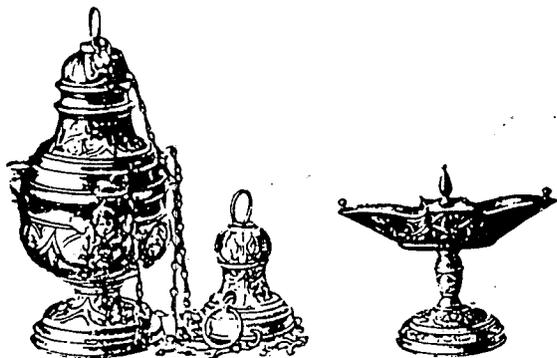
A PESAR DE TUDO, É NATAL!

Ao olharmos as coisas que nos cercam vemos uma situação desalentadora.

Em poucas épocas como a nossa vimos o homem tão decadente como agora. Não somos nós que falamos, são os fatos que falam por si.

Crimes hediondos são praticados em número enorme e com requintes de perversidade: seqüestros, assaltos, estupros, homicídios são praticados abundantemente.

Os costumes estão em baixa total: a família está em frangalhos, são inúmeras as uniões sem casamentos, as separações são freqüentes, o número de pais e mães solteiros é brutal, o homossexualismo, as drogas, a pornografia campeiam.



Por seu lado a AIDS progride e as supostas "medidas" contra ela vão contra a moral. No tocante ao aborto, essa praga assassina cresce brutalmente, sendo todos os dias assassinadas milhares de inocentes crianças.

Governantes corruptos, programas imorais de televisão, filmes blasfemos também fazem parte desse negro quadro.

Como triste complemento vemos o deboche ao bem e à verdade espalhados por aí.

E, no cume dessa terrível situação vemos a pior das crises, a religiosa, causa de todas as outras crises. Deus foi afastado pelos homens de suas vidas e aqueles que tem a obrigação de pregar a verdade parece que se esqueceram de seu dever. Em resumo, um mundo em trevas, um mundo que idolatra atores, atletas, cantores e se esquecem de Deus.

Mas, ainda resta a esperança, ainda resta a Luz. São João, no prólogo de seu Evangelho, naquele texto tantas vezes lido ao fim da Missa, chama Nosso Senhor de Luz do Mundo.

E essa Luz quer brilhar, quer iluminar, quer aquecer. "Eu vim trazer fogo à terra e que hei de querer senão que ele arda", diz Nosso Senhor.

Ele está à espera que nós digamos sim a Sua vontade, aceitemos os Seus projetos, abramos o nosso coração.

E é Natal.

Ocasão especial para que comecemos uma nova vida, para que mudemos nossa existência e comecemos a cooperar na mudança dos outros.

Aceitemos essa luz que brilha e comecemos uma nova vida. Primeiro pela oração, depois por uma boa confissão de nossos pecados a um padre.

Apesar de tudo, contra tudo ainda é Natal, deixemos a Luz brilhar em nossa vida.



Nos 500 anos da América, comemoremos!

Este artigo foi escrito por ocasião dos 500 anos da descoberta da América, mantendo ainda sua atualidade nestes 500 anos do nosso Brasil.

O mundo inteiro está comemorando o quinto centenário do descobrimento da América, e conseqüentemente o quinto centenário da implantação da fé católica em nosso continente.

Se a conversão de um só homem é uma coisa preciosa, pois cada alma individualmente custou o preço infinito do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, quanto mais precioso não foi, aos olhos de Deus e dos homens, a conversão dos povos de toda a extensão das Américas? E com que alegria os quinhentos anos dessa conversão deveriam ser comemorados por todos os católicos do mundo!

No entanto, não é isso que acontece. Pelo contrário, vemos por toda parte muita gente - e infelizmente, muitos católicos - empenhada em dizer que esse descobrimento foi um mal, pois teria sido o início da opressão para os povos americanos, e que o ensinamento religioso foi na verdade um instrumento de dominação.

Essa idéia, de há muito veiculada por certos livros de história, vem agora cada vez mais sendo alardeada pelos meios de comunicação: a Santa Igreja, ao enviar os missionários para o Novo Mundo não visava realmente a conversão dos gentios e a salvação de suas almas, mas a sua mais fiel submissão ao poderio econômico europeu. A religião "ópio do povo", teria sido apenas o instrumento para facilitar esse domínio, e nesse sentido foi imposta pela espada e pelo fogo contra os indefesos indígenas. E isso sem o mínimo respeito para com o "altíssimo" nível cultural que esses indígenas já possuíam. Toda essa cultura milenar foi destruída por fanáticos como Pizarro e Cortez, exemplos acabados de bandidos sedentos de ouro e de sangue. E a opressão religiosa aumentou ainda mais em malícia e maldade com a vinda dos franciscanos e jesuítas, que exploraram a boa fé dos indígenas e os transformaram em escravos a serviço de seus inconfessáveis desígnios de dominação.



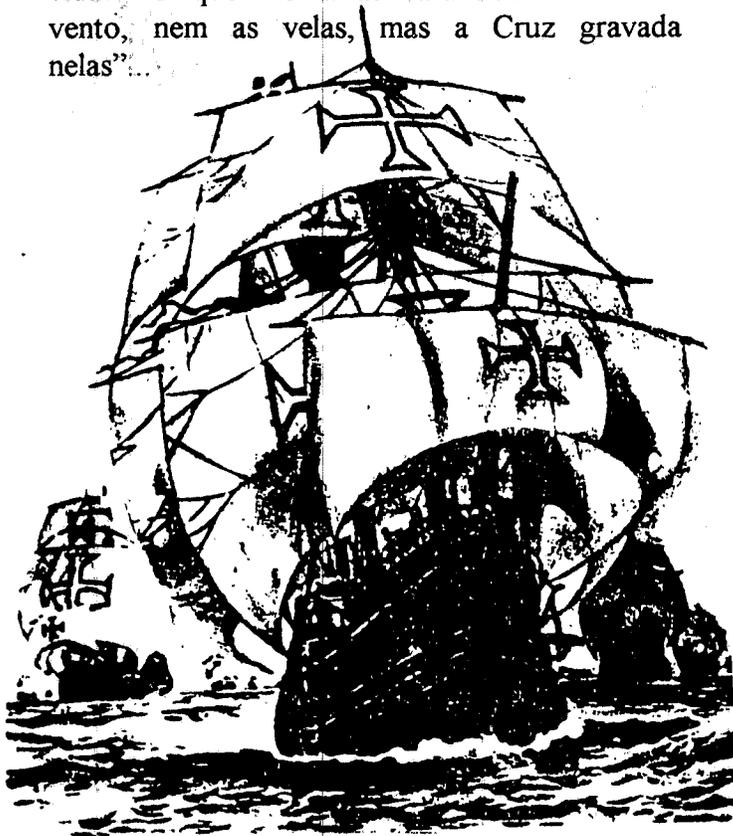
Colombo

Essa é a cantilena que se encontra nos livros didáticos em geral, e em algumas obras especializadas em particular. Não há preocupação em se citar as fontes originais, ou em se fazer uma análise mais realista e séria do assunto. Isso foi assim, dizem, porque tem que ter sido assim.

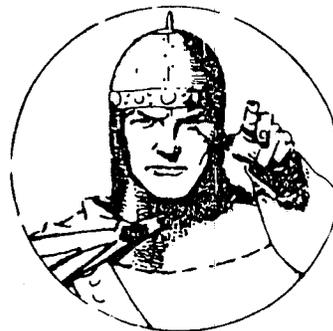
É a aplicação lógica da visão marxista da história, e portanto é - tem que ser! - verdadeira (Ó ultrapassado e caduco marxismo, quantos fanáticos ainda vos incensam, sem perceber que estás podre, carcomido e esfarelado!).

A esse respeito, e em desagravo a tantas ofensas à Santa Igreja Católica Apostólica Romana, gostaríamos de reproduzir aqui alguns trechos de estudos feitos por historiadores sérios e documentados refutando algumas das principais balelas da historiografia marxista concernentes à colonização da América. Há muitas outras balelas, mas seria preciso um livro para as elencar todas: "Numerus stultities infinitus est"...

Primeira balela: “As grandes navegações tiveram um fim exclusivamente econômico e comercial.” Todo mundo sabe que os portugueses tiveram mais de cem anos de trabalhos e estudos para encontrar o caminho marítimo para as Índias. Imagine-se você agora, caro leitor, como um burguês de Portugal, interessado em auferir lucros através do comércio com o Oriente. Você faria um investimento cujo retorno só viria dentro de um século? Empregaria fortunas para tentar contato com um povo desconhecido, que você não sabe bem onde está, nem sequer tem meios técnicos ou mapas para atingir? É crível que tanto esforço tivesse sido feito em busca de um lucro que além de ser remoto era incerto? Você embarcaria naquelas “cascas de noz” que eram as caravelas, e enfrentaria sem mapas o oceano desconhecido e bravio, apenas para - talvez - obter um lucro financeiro? Como explicar a loucura das Navegações, a não ser por um ideal muito maior que o ouro, o homem, ou a própria vida? “O que movia as caravelas não era o vento, nem as velas, mas a Cruz gravada nelas”...



*"O QUE MOVIA AS CARAVELAS
NÃO ERA O VENTO, NEM AS
VELAS, MAS A CRUZ GRAVA-
DA NELAS"*



Segunda balela: “O interesse dos missionários na catequese dos índios era a exploração comercial.”

Imagine-se um jesuíta, na Europa do século XVI. Você é uma pessoa de inteligência e capacidades marcadamente acima das comuns, porque ao entrar para a ordem teve de passar por testes rigorosíssimos, onde a maior parte dos outros candidatos sucumbiu. Renunciou ao mundo. Renunciou à vontade própria pelo voto de obediência. Renunciou ao santo e legítimo direito de constituir família, pelo voto de castidade. Renunciou aos bens de fortuna pelo voto de pobreza. Estudou, e estudou muito, filosofia, teologia moral, hermenêutica, pastoral etc. Foram anos e anos de preparo, estudo e mortificações. Agora, o seu superior o chama de lado e diz: “Amanhã você parte para a América. Vai abrir uma missão no meio das selvas do Brasil, num local onde os índios já mataram três antecessores seus. Se você sobreviver a eles, irá passar o resto da vida morando em uma choupana, passando fome e frio, enfrentando onças e serpentes, esquecido dos homens. Mas, coragem! No futuro essa missão irá prosperar, e então iremos ganhar muito dinheiro com ela. Você não irá receber um tostão, é claro, porque além de ter feito o voto de pobreza, já estará morto... Mas nós teremos lucro, e é isso o que importa.” Caro leitor, nessas condições você iria para a América? Nem eu.

Mas... Converter as almas que custaram a Paixão de Jesus... Trazer ovelhas para o rebanho de Cristo, ser mártir talvez, ah, isso sim! Isso move a alma de um espanhol de fé! Isso forja um José de Anchieta, um Francisco Xavier, um Inácio de Loiola! Mas o século XX não consegue entender isso, pobre coitado... Como pode um micróbio entender a grandeza do Sol?



Hernan Cortez

Terceira balela: “Os católicos espanhóis destruíram uma civilização indígena perfeita e imaculada.”

Pouco antes da chegada de Cortez, os astecas haviam inaugurado a grande pirâmide do México, principal templo de seu culto. O leitor sabia que as pedras dessa pirâmide de 30 metros de altura estão unidas por uma argamassa onde o líquido usado não foi água, mas sangue humano? Sabia que apenas na inauguração desse templo foram sacrificados vinte e cinco mil jovens, que tiveram seus corações arrancados pelas costas, e oferecidos, ainda quentes, ao “deus” Uitzilopochtli, ídolo monstruoso feito ele também de farinha amassada com sangue humano? O historiador Jacques Soustelle afirma que se os espanhóis não tivessem chegado, “a hecatombe (de sacrifícios) era tal que a civilização asteca teria que cessar os holocaustos para não desaparecer.” A esse tempo a civilização maia, a oeste do México, já se encontrava quase que inteiramente morta por si mesma. No Perú, foram as próprias tribos escravizadas pelos incas que se uniram a Pizarro, vendo nele o seu libertador. Comenta um historiador: “Foi esse povo, foram esses os costumes, foi essa a superstição que os conquistadores converteram ao catolicismo. Quando hoje os mexicanos procuram nos astecas a força interior do patriotismo, estão invocando

os deuses insaciáveis, o sacrifício das virgens, a inutilidade da vida humana. Foram os Conquistadores cristãos que os incorporaram à civilização e à cultura, dando-lhes uma filosofia, um pensamento, uma diretriz no tempo e no espaço, com os quais criaram uma nação.” (Scantimburgo, João de - O destino da América Latina).

Cortez proibiu os sacrifícios humanos, despedaçou os ídolos sangrentos, e colocou no lugar uma imagem da Santíssima Virgem, proclamando-a a “nova rainha do México.” Foi esse um ato de barbárie, ou foi na verdade o início da verdadeira libertação americana?

Quarta balela: “Os índios foram convertidos à força.”

Em 1539 a Igreja impôs uma série de restrições para a administração do batismo aos indígenas americanos, mais rigorosas que as da Europa. Logo porém, teve que rever essas regras porque os índios “não cessam de importunar os religiosos com suas súplicas, lágrimas e insistência para serem batizados, alegando que para receber o batismo caminharam enormes distâncias, realizando grandes sacrifícios e enfrentando grandes perigos.” E quando os religiosos cederam, foi uma avalanche: “os índios se apresentavam em massas compactas, reclamando aos gritos o batismo.” Esses são os relatórios dos missionários da época.



CABRAL

Estou ouvindo alguém dizer: “lavagem cerebral!”, “fanatismo!” E respondo: por que os fanáticos têm que ser os índios? Por que a lavagem cerebral foi a do catolicismo do século XVI, e não a do marxismo do século XX? Se vocês não querem ouvir argumentos sérios, mas desejam apenas vociferar “slogans” ultrapassados, então os fanáticos não foram os índios, mas vocês.



Quinta balela: “Os índios eram escravizados em nome da religião.”

Os fanáticos costumam dizer, por exemplo, que a Igreja e a Coroa Espanhola praticaram no Perú um verdadeiro genocídio, forçando os índios durante três séculos a trabalhar como escravos nas minas de mercúrio e de prata, onde a insalubridade do ambiente teria matado, mais ou menos, como fizeram depois Hitler e Stalin em seus campos de concentração.

A verdadeira história é bem outra. Os documentos da época mostram que os índios das minas peruanas eram protegidos por um código de legislação trabalhista dos mais perfeitos do mundo então: salário legal elevado, jornada de trabalho limitada, juizes específicos, responsabilização imediata dos empregadores em caso de acidente de trabalho, hospitalização e medicação gratuitas. Mesmo historiadores contrários à colonização espanhola reconhecem isso, afirmando que a legislação trabalhista dos índios peruanos estava muito adiante de seu tempo.



Vamos agora comparar essa situação com a anterior, pagã, quando os índios viviam submetidos à autoridade do Inca. Então, “a escravidão era tão rigorosa, que bastava a ordem de um chefe para enforcar um vassalo, ou para que este colocasse submissamente a cabeça sobre uma pedra, para que outro índio lhe fizesse rebentar o crânio com qualquer instrumento.” Onde a verdadeira escravidão e desumanidade: sob os “sanguinários” espanhóis católicos, ou sob os “benévolos” pagãos? Por que essas barbaridades não são comentadas pelos progressistas inimigos da Igreja?

É preciso encerrar. E o leitor poderá dizer: “para que isso valeu?” Eu, você, e mais um reduzido grupo de pessoas ficamos sabendo que a grande imprensa, e a mídia em geral, mentem quando se referem à Santa Igreja... Mas somos tão poucos... De que vale uma gota de verdade de um oceano de mentiras?



BEM AVENTURADO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Dissemos no início deste artigo que nossa intenção era fazer dele um desagravo. E um desagravo, sendo uma oração, tem um valor imenso, na medida em que se une às orações e méritos de toda a Santa Igreja.

O leitor poderá fazer o mesmo. Poderá, em espírito de desagravo e reparação, comentar com outras pessoas as verdades que acabou de ler. Quando se sentir só, poderá em espírito unir-se à solidão da Santíssima Virgem no Sábado Santo, quando também ela era uma gota de verdade diante de um oceano de mentiras e de ingratidões. Ela saberá fazer nossa pequena oração crescer, e dar frutos muito além do que podemos imaginar.



O Carvãozinho

Era uma vez um carvalho, um enorme e frondoso carvalho que se erguia altaneiro no mais alto de um grande penhasco. Lá de cima, os homens, as árvores, tudo parecia tão pequeno que o carvalho começou a se julgar a mais importante de todas as árvores, o mais esplendoroso de todos os seres. E de tanto se contemplar ele se tornou orgulhoso: seu tronco inchou, pois dentro dele surgiu um grande nó.

Não sei se vocês sabem, mas o nó é o orgulho das árvores. Assim como o homem orgulhoso se incha, assim também as árvores orgulhosas criam dentro de si um nó. É aquela parte dura, por onde a seiva da vida não passa, e que fica lá dentro, inútil e inabalável em sua dureza. E assim como o orgulho estraga o homem, assim o nó abala e enfraquece a árvore onde cresceu.

E o grande carvalho, à medida em que seu nó de orgulho crescia, ia mais e mais se enfraquecendo, quase sem o perceber.

Numa noite, uma noite escura e feia, formou-se uma tempestade tão grande que os céus inteiros pareciam desabar. O grande carvalho, enfraquecido pelo orgulho, não resistiu à fúria dos ventos e se partiu. E o nó, seu grande nó interior foi lançado pelos ares e despencou lá do alto caindo e rolando até a beira do caminho que ladeava o penhasco, antes de penetrar nas areias do deserto.

Não pensem vocês que com essa queda o nó se quebrou. Certos nós são muitos difíceis de se quebrar. Ali, em meio à poeira, ele ainda se julgava o maior e mais perfeito de todos os nós de carvalho que jamais existiriam à beira de um caminho. Estultos eram os homens que não o viam nem o admiravam.

Um dia um homem o viu e o recolheu. Era um pastor, desejava conduzir suas ovelhas por um trecho do deserto, e sabia que nós de carvalho serviam bem para alimentar fogueiras.

Naquela noite o orgulhoso nó de carvalho se transformou em uma grande brasa. Não em uma brasa qualquer, pensava ela, mas na mais fabulosa de todas as brasas que jamais brilharam nas noites do deserto...



E que linda noite era aquela! Em toda a história do mundo nunca houve e nem haverá noite igual. Os pastores, achegados ao fogo, comentavam em voz baixa e reverente a doçura daquela noite sem par.

E então algo os assustou: do fundo da noite um vulto caminhava em sua direção. Quando ele se aproximou os pastores viram que era um homem alto e forte, de barba curta e cajado, vestido como pastor mas com um porte de rei. E o homem lhes contou que perto dali, em um estábulo, sua esposa havia dado à luz um menino. Nem mesmo o fogo eles tinham, e o menino recém-nascido passava frio. Então ele vira o brilho da fogueira, e viera lhes pedir a caridade de uma brasa que fosse...



Os pastores de entreolharam e sorriram. Depois, indicando as brasas amontoadas, disseram ao homem que tirasse as que quisesse. Sorriam, pois queriam ver como ele as iria transportar...

Agradecido, o homem se inclinou, e com as mãos nuas tomou a maior das brasas, aquela que antes fora o nó orgulhoso de um altivo carvalho. E depositando a brasa entre as dobras do manto sem que suas mãos se ferissem ou que o manto se queimasse, novamente agradeceu e se foi, apressado para aquecer aquele menino tão pobre que nem fogo tivera ao nascer.

Aninhada no manto, a brasa cogitava para onde aquele homem a iria levar. Certamente tinham ouvido falar dela, e a levavam a algum palácio para ser devidamente admirada como a maior de todas as fontes de luz...



O manto se desdobrou. Novamente o homem do cajado a tomou nas mãos e a depôs entre algumas folhas e gravetos amontoados no chão. E a brasa ávida de louvores procurou em seu redor: uma pobre gruta onde havia um estábulo, um boi, um burrinho... e uma Senhora. Uma Senhora que vinha agora do fundo da gruta, trazendo nos braços um menino recém-nascido. Ela se inclinou para a brasa, esperando que ela inflamasse as folhas à sua volta, e fornecesse um pouco de calor ao Menino. E por um momento todo o universo eram a Senhora e o Menino, ali, tão pertinho, aguardando a luz e o calor...

Mas a brasa orgulhosa estava desapontada. Então, era para isso que a queriam? Para aquecer um menino pobre no interior de um estábulo? Para inflamar umas míseras palhas postas no chão? Isso nunca! Era melhor apagar-se! ...Outras brasas que inflamassem aquelas palhas. Ela, não!



E a brasa orgulhosa se apagou. Hesitou ainda um instante ao ver aquele menino tão pobre e aquela Senhora tão terna. Mas depois o orgulho venceu. E em meio às palhas secas a brasa orgulhosa se tornou um carvão. Carvão era, quando os pastores chagaram, trazidos pelo cântico dos anjos. Carvão permaneceu quando a caravana dos magos se deteve diante daquela gruta agora cheia de luz. Fechado em si mesmo, o carvão nada viu. E quando todos se foram, ele ficou ali, apagado e inútil. E o último a sair, um pobre pastor, vendo-o no chão murmurou "que coisa feia", e deu-lhe um pontapé, que o fez rolar para dentro de uma poça à beira da estrada.

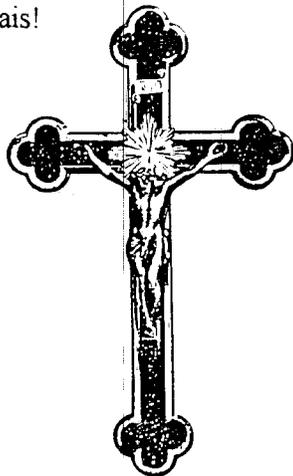
E foi só então, em meio à lama, invisível e esquecido, foi só então que aquele carvão percebeu sua infidelidade, e se arrependeu: "Fui um tolo... Nunca mais sairei daqui..." E então a brisa murmurou sobre a água: "Deus é justo, Deus é bom. Nunca diga nunca mais!"

O sol secou a água, e a lama endureceu. Os homens e os animais pisaram aquele lugar, e o tempo passou. Lá embaixo, o carvão arrependido chorava sua loucura. E quando o desespero crescia e ele temia nunca mais ver o Menino e a Senhora, nos passos dos homens ouvia dizer: Deus é Justo, Deus é Bom. Nunca diga nunca mais!





Os anos passaram, e os meninos cresceram. E o carvão soterrado ouviu os passantes se entre dizerem que um Homem surgira, que pregava a Verdade, que curava os doentes com só seu olhar e o carvão soterrado, recordando o olhar daquele Menino que ele não quisera aquecer, lamentava: "Nunca mais O verei..." Mas do fundo da terra um murmúrio subia: Deus é Justo, Deus é Bom. Nunca diga nunca mais!



Tempos depois a terra tremeu. O silvo do vento contara que os homens haviam matado o Filho de Deus. O céu se toldava, os rios se torciam, e sobre o carvão soterrado um monte caiu com enorme fragor. Mas no estalo dos raios e no troar dos trovões o carvão percebia a natureza falar: Deus é justo, Deus é bom. Nunca diga nunca mais!

E depois os séculos passaram. Povos nasceram, povos sumiram. E lá no fundo da terra o carvão que fora orgulhoso permaneceu sepultado na escuridão. Sentia saudades de quando era carvalho... sentia saudades de quando era brasa... sentia saudades daquele Menino e daquela Senhora para quem se apagara, e que nunca, nunca mais tornaria a encontrar... E ao mesmo tempo sentia um murmúrio que lhe vinha de dentro e que lhe falava: Deus é Justo, Deus é Bom. Nunca diga nunca mais!

E foi quando o carvão arrependido ouviu dentro de si essa voz de esperança que o milagre ocorreu. Houve um novo tremor. As entranhas da terra se abriram, e ele foi atirado para cima, para o alto, para a luz!... Por um instante viu o céu, viu o sol, viu as árvores e os campos... até novamente cair, mergulhar, dentro das águas de um rio.

Lá, pelo menos, não era tão escuro. E lá ele ficou, anos e anos, rolando pelo fundo de pedras, e levado pela torrente. Para onde, não sabia. Mas receava que acabaria sendo coberto pelas pedras, ficando novamente na escuridão... Bem que merecia este castigo, por não ter se apagado ao menino e à Senhora, que não veria mais... E na música das águas ele tornava a ouvir: Deus é Justo, Deus é Bom. Nunca diga nunca mais!

E então um dia aconteceu. Um homem, num barco, lançou suas redes nas águas do rio. E quando as recolheu encontrou entre os peixes o que fora outrora uma brasa orgulhosa, e depois um negro carvão.

Os olhos do pescador se encheram de lágrimas, e suas mãos tremiam de emoção. Voltou à sua choupana onde a esposa o aguardava ao lado do leito de uma menina doente, de grandes olhos negros, agora tristes, mas antes cheios de sol. Desde que a menina adoeceu, naquela choupana outrora alegre a tristeza viera habitar. Consumindo-se aos poucos, sem médicos e sem remédios a menininha ficava ali quietinha no fundo do catre, vendo o pai cabisbaixo e vendo a mãe a chorar. Era tudo tão triste... E era Natal. O marido havia saído para tentar pescar algo, vender e comprar um remédio... E a mulher ficara ali, muda e queda, temendo que nunca mais veria sua filha sorrir...



E então ele voltou, correndo e gritando. Chorava de emoção, tremia de emoção. E abrindo a mão mostrou dentro dela um enorme diamante que havia pescado, e chorando dizia: Deus é Justo, Deus é Bom, nunca diga nunca mais!

Um diamante. Um imenso e luminoso diamante sem jaça era agora o que fora um nó de carvalho, uma brasa vermelha, um negro carvão. Séculos de arrependimento e penitencia haviam feito sua obra, e agora todos o admiravam. Ele agradecia a Deus por sua mudança, mas não era inteiramente feliz. No fundo de sua lembrança estavam dois olhares que ele uma vez vira, para os quais uma vez se apagara e que nunca mais iria encontrar...

Deus lhe pedia mais uma prova antes do final. O diamante foi lapidado e incrustado no alto de um cetro de ouro. E depois foi fechado em um cofre. Quando aquela imensa porta de aço se fechou sobre ele, trazendo de volta o isolamento e a escuridão, ele tremeu. Mas lembrado da Bondade de Deus, teve forças, e esperou.

Algum tempo depois a porta de aço se abriu, ele foi retirado, e posto sobre uma almofada de veludo vermelho, ao lado de duas coroas de imenso esplendor. E foi um desfile, e foram aplausos, e foram bandeiras, tambores, clarins... E foram coros de júbilo, e foram acordes de órgão e foi fumo de incenso, e foram vitrais... E o diamante, deitado em sua almofada de veludo, viu que um homem de barbas brancas, paramento vermelho e mitra dourada, tomara uma e depois outra das coroas ao seu lado... E depois o Bispo o tomou também e o fixou em algum lugar bem alto.



E então os coros cantaram ainda mais forte, e as trombetas soaram com novo vigor. E ele via que estava em uma igreja, em uma imensa catedral, onde havia uma multidão, todos ajoelhados e parecendo olhar para ele. Para ele? Quem era ele para receber tantas homenagens? Não. As pessoas olhavam e aclamavam alguém atrás e acima dele...

E o diamante se voltou. E radiante de alegria encontrou novamente aqueles dois olhares para os quais, um dia, tivera o pecado de se apagar. Ali estavam a Senhora e o Menino com suas refulgentes coroas, tão perto dele que pareciam só para ele existir! Os homens, agradecidos, haviam construído aquela catedral para a Senhora Auxiliadora, e naquele dia a honravam como Rainha do Universo, homenageando-a com uma coroa e um cetro... No alto do qual brilhava um lindo diamante que parecia cantar: Deus é Justo! Deus é Bom! Nunca diga nunca mais!

O Menino Jesus de Praga



Fernando II, Imperador da Alemanha, para manifestar sua gratidão a Nosso Senhor pela insigne vitória alcançada na batalha de Montanha Branca, contra os hereges protestantes, fundou em 1620, na cidade de Praga, um convento de Padres Carmelitas. Díficeis ao extremo eram os tempos que atravessava a Boêmia quando chegaram estes excelentes religiosos, pois se achava assolada por guerras sangrentas que faziam de Praga presa de indizíveis calamidades, a tal ponto que o mesmo mosteiro dos Carmelitas carecia do indispensável para sobreviver às necessidades mais prementes.



Nessa época, vivia em Praga a piedosa princesa Polixena Lobkowitz, que sentindo na alma as necessidades dos carmelitas, resolveu entregar-lhes uma pequena imagem de cera, de 48cm, que representava um formoso Menino-Deus, de pé, com a mão direita levantada, em atitude de dar a bênção, enquanto que com a esquerda sustentava um globo dourado. Seu rosto era muito amável e cheio de graça, a túnica e o manto tinham sido doados pela mesma princesa, que, ao dar a imagem a esses religiosos, lhes disse: “Meus Padres, eu lhes entrego o que possuo de mais precioso neste mundo: Honrai muito a este Menino Jesus e nada lhes faltará”.

A imagem foi recebida com gratidão e colocada no oratório interior do convento, donde foi objeto de veneração por todos aqueles bons padres, distinguindo-se entre todos, o Padre Cirilo, que com toda razão poderia ser chamado o apóstolo do Divino Menino Jesus de Praga.

A promessa da augusta doadora se cumpriu à risca, e os maravilhosos efeitos da proteção do Divino Menino não tardaram em manifestar-se, pois logo, e em várias ocasiões se verificaram prodígios e foram milagrosamente socorridas as necessidades do mosteiro.

Entretanto, estourou de novo a Guerra da Boêmia. Em 1631, o exército da Saxônia se apoderou da cidade de Praga. Os Padres Carmelitas acharam prudente retirarem-se para Munique.

Durante essa época desastrosa, especialmente para Praga, a Devoção ao Menino Jesus caiu no esquecimento. Os protestantes destruíram a Igreja, saquearam o mosteiro, penetraram no oratório interior, profanaram a imagem do Menino Jesus e quebrando-lhe as mãos, a atiraram com desprezo atrás do altar.

No ano seguinte, retirou-se o inimigo de Praga e puderam os religiosos voltar a seu convento, mas ninguém se lembrou da piedosa imagem. Por isto, sem dúvida, o mosteiro, bem como a população, se viu reduzido à miséria., pois careciam os religiosos de alimentos e de recursos indispensáveis para restaurar sua casa.

Mas, depois de 7 anos de tanta desolação, retornou a Praga o Padre Cirilo, e no ano de 1637, quando a Boêmia se achava em perigo eminente de sucumbir e até de perder o dom inestimável da Fé, e quando a cidade estava por todos os lados cercada de inimigos. Em tais apertos, e ao tempo em que o Padre Guardião exortava a seus religiosos que instassem a Deus para que pusesse fim a tantos males, falou-lhe Padre Cirilo da inolvidável imagem do Deus Menino e obteve a licença de achá-la. Achou-a por fim entre os escombros, detrás do altar. Limpou-a, cobriu-a de beijos e de lágrimas e, como ainda conservasse intacto o rosto, A expôs no coro à veneração dos religiosos, que cheios de confiança em sua proteção, caíram de joelhos ante o Deus Menino e Lhe suplicaram que fosse o seu refúgio, sua fortaleza e amparo em todos os sentidos.

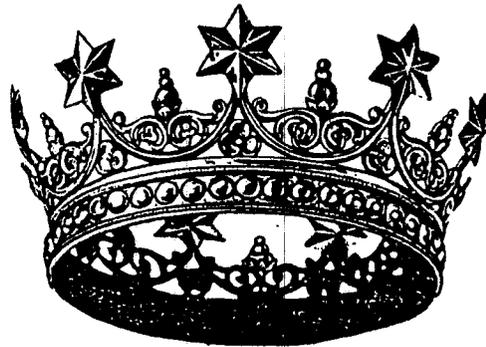


Desde o momento em que foi colocada em seu lugar de honra, o inimigo levantou o sítio e o convento se viu provido de tudo que necessitavam os religiosos.

Encontrava-se um dia o Padre Cirilo em oração, diante da imagem, quando ouviu claramente estas palavras: "Tende piedade de mim e eu me apiedarei de vós. Devolve-me minhas mãos e eu lhes devolverei a paz. Quanto mais me honrardes, tanto mais vos abençoarei".

Com efeito, faltavam-lhe as mãos, coisa que ao encontrá-la não havia advertido o Padre Cirilo, inebriado como estava de alegria. Surpreso o bom Padre, correu imediatamente à cela do padre superior e lhe contou o ocorrido, pedindo-lhe que fizesse restaurar a imagem. O superior negou-se a isso, alegando a pobreza extremada do convento. O humilde devoto de Jesus foi chamado a atender a um moribundo, Benito Maskoning, que lhe deu 100 florins de esmola.

Levou-os ao superior com a convicção de que com eles consertaria a imagem, mas este julgou que era melhor comprar outra mais formosa e assim o fez. O Senhor não tardou em manifestar seu desagrado, pois no mesmo dia da inauguração da nova imagem, um candelabro que estava fixo e bem seguro na parede se desprendeu e caiu sobre a imagem, reduzindo-a a pedaços. Ao mesmo tempo, o Padre Superior caiu doente e não pode terminar o seu período de mando.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar, o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE



Eleito um novo superior, o Padre Cirilo voltou a suplicar-lhe para que fizesse consertar a imagem, mas recebeu nova negativa. Então sem desanimar, dirigiu-se à Santíssima Virgem. Apenas terminava sua oração foi chamado à Igreja. Aproximou-se uma senhora de venerável aspecto, que deixou em suas mãos uma polpuda esmola, e desapareceu sem que ninguém a houvesse visto entrar ou sair do recinto. Cheio de alegria o Padre Cirilo foi dar conta ao Superior do que se passou. Mas este não lhe deu mais que meio florim, sendo insuficiente para o objeto em questão. Tudo ficou no mesmo estado.

O Convento se viu sujeito a novas calamidades. Os religiosos não conseguiram pagar o aluguel de uma chácara que haviam arrendado e que nada produziu. Os rebanhos morreram, a peste desolou a cidade, muitos religiosos, inclusive o superior, sofreram este açoite.

Todos acorreram ao Menino Jesus. O superior se humilhou e prometeu celebrar 10 missas diante da imagem e propagar seu culto. A situação melhorou notavelmente, mas como a imagem continuasse no mesmo estado, o Padre Cirilo não cessava de clamar suas queixas ante seu dadivoso Protetor, quando ouviu de seus Divinos Lábios estas palavras: "Coloca-me na entrada da Sacristia, e encontrarás quem se compadeça de mim".

Com efeito, apresentou-se um desconhecido que, notando que o formoso Menino não tinha mãos, ofereceu-se espontaneamente a fazê-las colocar, não tardando em receber sua recompensa, pois ganhou em poucos dias um pleito quase perdido, com o que salvou sua honra e sua fortuna.

Os benefícios inumeráveis que todos alcançavam do milagroso Menino, multiplicavam a cada dia o número de seus devotos. Por isto desejavam, os Carmelitas, edificar-lhe uma capela pública, tendo em conta que o lugar aonde deviam erguê-la havia sido indicado pela Santíssima Virgem ao Padre Cirilo, mas faltavam os recursos e, ademais, temiam empreender esta nova construção num tempo em que os calvinistas destruíam todas as igrejas.

Contentaram-se em colocá-lo na capela exterior, sobre o altar-mor, até o ano de 1642, ano em que a princesa Lobkowitz mandou edificar um novo santuário, inaugurado em 1644, no dia da festa do Santo Nome de Jesus.

De todas as partes acudiam a prostra-se diante do milagroso Menino: pobres, ricos, doentes, enfim, toda sorte de pessoas achavam n'Ele o remédio para suas tribulações.

Em 1655, o conde Martinitz, Gran Marquês da Boêmia, ofereceu uma coroa preciosa de ouro esmaltada com pérolas e diamantes. O Reverendo D. José de Corte colocou-a no Menino Jesus, numa solene cerimônia de coroação.

As graças e maravilhas inumeráveis, devida ao "Pequeno Grande" (assim chamam na Alemanha ao Menino Jesus de Praga), se divulgaram até nas localidades mais distantes, com o que seu culto se estendeu até os nossos dias de uma maneira prodigiosa.

Em todas as nações foi acolhida com amor a devoção ao Menino Jesus de Praga, mosteiros, colégios, escolas, famílias têm-lhe dedicado magníficos tronos, numerosas paróquias possuem a Real imagem e onde se lhe honra, derrama sobre seus devotos um caudal de inestimáveis favores.





O Divino Menino deseja cumular-lhes de graças, veneremo-Lo, façamo-Lo conhecido e amado, e Ele nos abrirá tesouros de sua bondade. Numerosas são as práticas piedosas estabelecidas em honra do Menino Jesus de Praga. Mas aquelas nas quais tem especial complacência são: as ladainhas do Nome de Jesus; a recitação de 5 Pai-Nossos, Ave-Marias e Glórias seguidos desta jaculatória: "Seja bendito o Nome do Senhor agora e por todos os séculos dos séculos" que se repete também 5 vezes; a oração eficaz do Padre Cirilo; a recitação do Rosário do Menino Jesus; e por fim a celebração de sua festa, que é o do Seu Santíssimo nome.



Sendo a história deste milagroso Menino Jesus de Praga, se nota que muitas vezes concede os favores solicitados, depois de uma novena de súplica e orações recitadas em sua honra. Assim mesmo é de se notar que facilmente se obtém do Menino Jesus as graças especiais que se lhe pedem, mandando celebrar Missas em sua honra, dando esmolas aos pobres em seu nome, oferecendo a freqüência aos Sacramentos ou publicar e dar a conhecer a graça concedida.

Por meio desta nona e simpática manifestação do amor divinô, Jesus quer remediar uma calamidade atual, muito freqüente no mundo, a saber: a perdição da infância pela educação anti-cristã. Nosso Senhor Jesus Cristo que sempre demonstrou um amor de predileção pelas crianças, manifesta claramente, por meio desta devoção, o grande desejo que tem de ser honrado especialmente como Rei e Salvador da infância, e quer para isto aplicar ao mundo inteiro, em especial às crianças, os méritos das humilhações sofridas em sua Divina Infância.



Dediquemo-nos pois a honrar este Amabilíssimo Menino, já que tão abundantemente podemos obter suas bênçãos. E em particular, vocês inocentes meninos e meninas, que tendes a dita de ser os prediletos do Coração deste Amoroso Menino Jesus, deveis professar uma devoção fervorosa e prática ao Deus que se fez Menino, como vós e por vós.

Imitai as virtudes de sua Divina Infância: o seu exemplo, sede obedientes, castos, amáveis, caritativos e piedosos, recorrei a Ele com inteira confiança em todas vossas necessidades e confiai-lhe as penas de vosso coração infantil.



Pedi-lhe muito por vós mesmos, pela Igreja, por vossos pais, familiares, professores, amigos, amai-o sinceramente e não o desgosteis, entregai-vos a Ele com quanto possuis, dai-lhe vossa alma, vosso corpo, vosso coração para que o conserve puro e inocente.

Afim de merecer sua constante proteção, leva com amor sua medalha, osculai com respeito sua imagem, de vez em quando praticai em sua honra alguma mortificação, rezai-lhe todos os dias algumas das orações que conheceis e deste modo experimentareis quão generoso é o Menino Jesus de Praga, o Menino Rei, o Deus que ama as crianças.